

Pachinko

Min Jin Lee

Tradução de Marina Vargas



Copyright © 2017 by Min Jin Lee

TÍTULO ORIGINAL

Pachinko

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

REVISÃO

Milena Vargas

Juliana Pitanga

CAPA

© 2018 Hachette Book Group, Inc

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Patrick Leger

DESIGN DE CAPA

Brigid Pearson

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Túlio Cerquize

PROJETO GRÁFICO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE MIOLO

Helen Field / [Shutterstock.com](https://www.shutterstock.com)

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

Laura Zúñiga | Zúñiga Consultoria Textual

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-024-7

Edição digital: 2020

Capítulo 17

Livro II: Pátria-mãe

Capítulo 1: Osaka, 1939

Capítulo 2

Capítulo 3: Abril de 1940

Capítulo 4: Maio de 1942

Capítulo 5

Capítulo 6: Dezembro de 1944

Capítulo 7: 1945

Capítulo 8

Capítulo 9: Osaka, 1949

Capítulo 10: Osaka, janeiro de 1953

Capítulo 11: Outubro de 1955

Capítulo 12: Março de 1956

Capítulo 13: 1957

Capítulo 14: Dezembro de 1959

Capítulo 15: Tóquio, 1960

Capítulo 16: Osaka, abril de 1960

Capítulo 17: Outubro de 1961

Capítulo 18: Tóquio, março de 1962

Capítulo 19

Capítulo 20: Osaka, abril de 1962

Livro III: Pachinko

Capítulo 1: Nagano, abril de 1962

Capítulo 2: Osaka, abril de 1965

Capítulo 3: Yokohama, novembro de 1968

Capítulo 4

Capítulo 5: Nagano, janeiro de 1969

Capítulo 6: Yokohama, julho de 1974

Capítulo 7: Yokohama, março de 1976

Capítulo 8: Nagano, agosto de 1978

Capítulo 9: Yokohama, 1979

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12: Osaka, 1979

Capítulo 13

Capítulo 14: Yokohama, 1980

Capítulo 15: Nova York, 1985

Capítulo 16: Tóquio, 1989

Capítulo 17

Capítulo 18: Yokohama, 1989

Capítulo 19: Tóquio, 1989

Capítulo 20: Yokohama, 1989

Capítulo 21: Tóquio, 1989

Agradecimentos

Notas

Sobre a autora

Leia também

Para Christopher e Sam

LIVRO I

Gohyang/Cidade Natal

1910-1933



Pátria é um nome, uma palavra, e é forte; tão forte, que nenhum mágico pronunciou feitiço maior e nenhum espírito respondeu a um chamado mais forte.

— Charles Dickens



1

Yeongdo, Busan, Coreia

A história falhou conosco, mas não importa.

Na virada do século, um pescador idoso e sua mulher decidiram receber hóspedes em sua casa para ganhar um dinheiro extra. Ambos haviam nascido e crescido na aldeia de pescadores de Yeongdo, uma ilhota de oito quilômetros de extensão junto à cidade portuária de Busan. Durante seu longo casamento, a mulher deu à luz três filhos, mas apenas Hoonie, o mais velho e mais fraco, sobreviveu. Hoonie nasceu com fenda palatina e um pé torto, porém, era dotado de ombros largos, corpo atarracado e pele dourada. Na juventude, ainda conservava o temperamento amável e sério da infância. Quando cobria a boca deformada com as mãos, algo que fazia por hábito sempre que estava diante de estranhos, Hoonie lembrava a beleza do pai, pois ambos tinham os mesmos olhos grandes e risonhos. Sobrancelhas escuras adornavam sua testa larga, perpetuamente bronzeada

pelo trabalho ao ar livre. Como os pais, Hoonie não era um falante muito ágil, e algumas pessoas cometiam o erro de achar que, porque não falava muito rápido, ele sofria de algum problema mental, mas isso não era verdade.

Em 1910, quando Hoonie tinha vinte e sete anos, o Japão anexou a Coreia. O pescador e a mulher, que eram parcimoniosos e muito trabalhadores, decidiram viver à margem dos aristocratas incompetentes e governantes corruptos do país, que tinham entregado a nação aos ladrões. Quando o aluguel da casa voltou a subir, o casal deixou o próprio quarto e passou a dormir no vestíbulo junto à cozinha para aumentar o número de hóspedes.

A casa de madeira que alugavam havia três décadas não era grande; tinha pouco mais de quarenta e cinco metros quadrados. Portas de correr de papel dividiam o interior em três cômodos confortáveis, e o pescador havia substituído o telhado de palha com goteiras por telhas de barro vermelhas, para benefício do proprietário, que vivia no esplendor de uma mansão em Busan. Com o tempo, a cozinha foi transferida para a horta, de maneira a acomodar panelas maiores e um número crescente de mesas dobráveis que ficavam penduradas em ganchos no muro de pedra.

Por insistência do pai, Hoonie aprendeu a ler e escrever em coreano e japonês com o professor da aldeia, o suficiente para manter o livro de contabilidade da pensão e fazer contas de cabeça para não ser passado para trás no mercado. Assim que aprendeu a fazer essas coisas, os pais o tiraram da escola. Na adolescência, Hoonie trabalhava quase tão bem quanto um homem forte com as pernas boas e o dobro de sua idade; era habilidoso com as mãos e capaz de carregar fardos pesados, embora não conseguisse correr nem andar muito depressa. Tanto Hoonie quanto o pai eram conhecidos na aldeia por nunca beber uma taça de vinho sequer. O

pescador e a mulher criaram o único filho sobrevivente, o aleijado da vila, para ser um rapaz esperto e diligente, porque não sabiam quem ia cuidar dele depois que morressem.

Se fosse possível que uma mulher e um homem compartilhassem o mesmo coração, Hoonie seria esse órgão em constante pulsar. Os dois tinham perdido os outros filhos: o mais novo para o sarampo e o do meio, que era um inútil, para a chifrada de um touro em um acidente absurdo. Quando era pequeno, Hoonie só saía de casa para ir à escola e ao mercado e, por fim, quando se tornou um rapaz, teve que ficar em casa para ajudar os pais. Eles não teriam suportado a ideia de desapontá-lo, mas, ainda assim, o amavam o suficiente para não o mimar em excesso. Os dois camponeses sabiam que um filho mimado causava mais prejuízo a uma família do que um filho morto e evitavam fazer demais as vontades dele.

Outras famílias da região não tinham a sorte de contar com dois pais tão sensatos e, como acontece sempre que um país sofre um golpe de seus rivais ou da natureza, os fracos (os velhos, as viúvas e os órfãos) estavam mais desesperados do que nunca na península colonizada. Para cada lar que podia alimentar mais uma pessoa, havia multidões dispostas a trabalhar um dia inteiro em troca de uma tigela de grãos de cevada.

Na primavera de 1911, duas semanas depois de Hoonie completar vinte e oito anos, a casamenteira de bochechas rosadas da vila procurou a mãe dele.

A mãe de Hoonie levou a casamenteira para a cozinha; teriam que conversar em voz baixa, porque os hóspedes estavam dormindo nos quartos da frente. Era quase meio-dia, e os hóspedes que haviam passado a noite pescando tinham comido o jantar ainda quente, tomado banho e ido para a cama. A mãe de Hoonie serviu à casamenteira uma xícara de chá de cevada frio, sem deixar de cuidar de seus afazeres.

Naturalmente, a mãe imaginava o que a casamenteira queria, mas não sabia o que dizer. Hoonie nunca havia pedido uma noiva aos pais. Era inconcebível que uma família decente deixasse que uma filha se casasse com alguém com deformidades, já que essas coisas passavam inevitavelmente para as gerações seguintes. Ela nunca vira o filho conversando com uma garota; a maioria das moças da aldeia o evitava, e Hoonie era sensato o bastante para não desejar o que não poderia ter; essa resignação era algo que qualquer camponês normal teria aceitado a respeito da própria vida e daquilo que poderia almejar.

O rosto peculiar da casamenteira era rechonchudo e rosado; seus olhos negros e impiedosos observavam tudo com astúcia, e ela tomava o cuidado de dizer apenas coisas agradáveis. A mulher umedeceu os lábios como se estivesse com sede; a mãe de Hoonie sentiu que a outra a avaliava, assim como todos os detalhes da casa, calculando o tamanho da cozinha com olhos severos.

A casamenteira, por sua vez, teria grande dificuldade em decifrar a mãe de Hoonie, uma mulher calada, que trabalhava de sol a sol, fazendo tudo que fosse necessário para aquele dia e para o dia seguinte. Ela raramente ia ao mercado, porque não tinha tempo a perder com conversas sem importância; mandava Hoonie em seu lugar. Enquanto a casamenteira falava, a boca da mãe de Hoonie permaneceu tão imóvel e firme quanto a pesada mesa de pinho na qual estava cortando rabanetes.

A casamenteira foi a primeira a tocar no assunto. Apesar da desagradável questão do pé e do lábio leporino, Hoonie claramente era um bom rapaz; educado e forte como um par de bois! Ela era abençoada por ter um filho tão bom, disse a casamenteira, que menosprezava os próprios filhos: nenhum dos dois se dedicava aos livros ou ao comércio, mas não eram maus rapazes. Sua filha tinha se casado cedo e morava muito longe.

Todos estavam bem casados, supunha, mas seus filhos eram preguiçosos. Não eram como Hoonie. Depois de fazer seu discurso, a casamenteira olhou fixamente para a mulher de pele morena cujo rosto permanecia impassível, procurando algum sinal de interesse.

A mãe de Hoonie manteve a cabeça baixa, o olhar fixo na faca afiada, que manjava com destreza: cada pedaço de rabanete era quadrado e uniforme. Quando uma grande montanha de cubos de rabanete branco se formou na tábua de corte, ela a transferiu com um movimento ágil para uma tigela. Estava prestando tanta atenção à conversa da casamenteira que teve medo de começar a tremer de nervoso.

Antes de entrar na casa, a casamenteira tinha dado uma volta na propriedade para avaliar as condições financeiras da família. Ao que parecia, os rumores que corriam na vizinhança sobre a situação estável da família estavam confirmados. Na horta junto à cozinha, as primeiras chuvas da primavera tinham feito crescer rabanetes grandes e firmes que estavam prontos para serem colhidos da terra marrom. Havia badejos e lulas cuidadosamente pendurados em um varal, secando ao sol da primavera. Junto ao anexo, em um chiqueiro limpo construído com pedras locais e argamassa, havia três porcos pretos. A casamenteira contou sete galinhas e um galo no quintal dos fundos. No interior da casa, a prosperidade era ainda mais evidente.

Na cozinha, havia tigelas de arroz e sopa empilhadas em prateleiras e tranças de alho branco e pimenta penduradas nas vigas baixas. Em um canto, perto da pia, uma enorme cesta de palha cheia de batatas recém-colhidas. O aroma agradável de cevada e painço cozinhando em uma panela preta de arroz se espalhava pela pequena casa.

Satisfeita com a situação confortável da família em um país que ficava cada vez mais pobre, a casamenteira teve certeza de que até mesmo Hoonie

poderia arrumar uma noiva saudável, então pôs mãos à obra.

A garota morava no outro extremo da ilha, depois dos bosques densos. O pai dela, um pequeno agricultor, era um dos muitos que haviam perdido seu arrendamento como resultado dos recentes levantamentos topográficos do governo colonial. Amaldiçoado com quatro meninas e nenhum filho homem, o viúvo não tinha o que comer a não ser o que encontrava no bosque, os peixes que não conseguia vender e os frutos da caridade ocasional de vizinhos igualmente empobrecidos. O honrado pai havia implorado que a casamenteira encontrasse noivos para suas filhas solteiras, já que, para uma virgem, era melhor se casar com qualquer um do que ter que mendigar por comida quando todos estavam passando fome — e a virtude valia muito. A garota, Yangjin, era a mais nova das quatro meninas e a mais fácil de dispor, porque era jovem demais para reclamar e pelo menos teria o que comer.

Yangjin tinha quinze anos e era doce e terna como um bezerro recém-nascido, disse a casamenteira.

— Nada de dote, é claro, mas certamente o pai não deve esperar muitos presentes. Quem sabe algumas galinhas poedeiras, tecidos de algodão para as irmãs da noiva, seis ou sete sacas de painço para passarem o inverno. — Como não ouviu protestos diante da lista, a casamenteira ficou mais confiante: — Talvez uma cabra. Ou um porco pequeno. A família é tão pobre, e os preços das noivas caíram muito. A garota não vai precisar de nenhuma joia.

A casamenteira riu um pouco.

Com um movimento de seu pulso largo, a mãe de Hoonie temperou os rabanetes com sal marinho. A casamenteira não fazia ideia do quanto ela estava concentrada, pensando no que poderia oferecer. A mãe de Hoonie faria qualquer coisa para pagar o preço exigido pela noiva; ela se

surpreendeu com as ilusões e esperanças que cresciam em seu peito, mas seu rosto permaneceu sereno e discreto; só que a casamenteira não era boba.

— O que eu não daria para um dia ter um neto — disse, dando sua cartada final, sem deixar de examinar com cuidado o rosto enrugado e moreno da dona da pensão. — Eu tenho uma neta, mas nenhum neto, e a menina chora demais. Eu me lembro de segurar meu primeiro filho nos braços quando ele ainda era um bebê. Que felicidade! Era branco como uma cesta de bolinhos de arroz de Ano-Novo, delicado e fofo como a massa quente. Tão gostoso que eu tinha vontade de mordê-lo. Bem, agora não passa de um grande preguiçoso — acrescentou, sentindo a necessidade de fazer uma reclamação depois de tanto se vangloriar.

A mãe de Hoonie finalmente sorriu, já que aquela imagem também era vívida para ela. Que mulher mais velha não desejaria segurar um neto no colo, ainda mais quando essa ideia teria sido inconcebível antes daquela visita? Cerrou os dentes para se acalmar, pegou a tigela e a sacudiu para distribuir bem o sal.

— A garota tem um rosto bonito, sem marcas de varíola. Tem boas maneiras e obedece ao pai e às irmãs. E não é muito morena. É franzina, mas tem mãos e braços fortes. Precisa ganhar peso, mas é compreensível. A família tem enfrentado tempos difíceis.

A casamenteira sorriu, olhando para a cesta de batatas no canto, como se sugerisse que ali a garota poderia comer tanto quanto quisesse.

A mãe de Hoonie colocou a tigela na bancada e se voltou para a visita.

— Vou falar com meu marido e meu filho. Não temos dinheiro para uma cabra ou um porco. Mas talvez possamos enviar um tecido de algodão junto com as outras coisas, para que passem o inverno. Terei que perguntar a eles.

* * *

Os noivos se conheceram no dia do casamento, e Yangjin não ficou assustada ao ver o rosto de Hoonie. Três pessoas em sua aldeia tinham nascido daquela forma. Já tinha visto gado e porcos com a mesma deformidade. Uma garota que morava perto de sua casa tinha um inchaço no formato de um morango entre o nariz e o lábio leporino, e as outras crianças a chamavam de Morango, apelido com o qual ela não se incomodava. Quando o pai de Yangjin lhe disse que seu marido seria como Morango e também com um pé torto, ela não chorou. O pai disse que ela era uma boa menina.

Hoonie e Yangjin se casaram em uma cerimônia tão discreta que, se a família não tivesse enviado bolinhos de arroz com artemísia aos vizinhos, teria sido acusada de mesquinharia. Até os hóspedes ficaram surpresos quando a noiva apareceu para servir-lhes o café da manhã no dia seguinte ao casamento.

Quando ficou grávida, Yangjin se preocupou com a possibilidade de o bebê herdar as deformidades de Hoonie. O primeiro filho nasceu com fenda palatina, mas tinha as pernas boas. Hoonie e os pais não se angustiaram quando a parteira lhes mostrou o bebê.

— Você se importa? — perguntou Hoonie à mulher, e ela disse que não, porque não se importava mesmo.

Quando ficou sozinha com o recém-nascido, Yangjin delineou a boca do bebê com o dedo indicador e a beijou; nunca havia amado alguém como amava o filho. Quando tinha sete semanas de vida, ele morreu em decorrência de uma febre. O segundo filho tinha o rosto perfeito e as pernas boas, mas teve diarreia e febre e também morreu antes da celebração de seu *baek-il*, quando o bebê completa cem dias de vida. Suas irmãs, que

continuavam solteiras, culpavam sua pouca produção de leite e a aconselharam a procurar um xamã. Hoonie e os pais não aprovavam essa ideia, mas, quando engravidou do terceiro filho, ela foi procurá-lo sem dizer nada a eles. No entanto, na metade dessa gravidez sentiu-se mal e se resignou diante da possibilidade de que aquela criança também morresse. Perdeu-a para a varíola.

A sogra procurava o herborista e preparava chás curativos para ela. Yangjin bebia até a última gota marrom da xícara e pedia desculpas pela despesa. Depois de cada nascimento, Hoonie ia ao mercado comprar as algas preferidas da mulher, a fim de preparar uma sopa que curasse seu útero; depois de cada morte, comprava bolinhos de arroz-doce ainda quentes no mercado e os levava para ela.

— Você precisa comer. Precisa recuperar a força.

Três anos depois do casamento, o pai de Hoonie morreu e, meses depois, a mulher o seguiu. Os sogros de Yangjin nunca lhe negaram comida nem roupas. Nunca a criticaram nem bateram nela, apesar de ela ter fracassado em lhes dar um herdeiro.

Por fim, Yangjin deu à luz Sunja, sua quarta filha e a única mulher, e a menina sobreviveu; até ela completar três anos, seus pais não dormiram uma noite inteira sem checar diversas vezes para ver se a pequena deitada a seu lado estava respirando. Hoonie fazia bonecas para a filha com palha de milho e abria mão do tabaco para lhe comprar doces; embora os hóspedes desejassem que Hoonie comesse com eles, os três faziam todas as refeições juntos. Ele amava a filha da mesma maneira que os pais o haviam amado, mas descobriu que não conseguia lhe negar nada. Sunja era uma garota de aparência normal, de riso fácil e alegre, mas para o pai era linda, e ele ficava admirado com sua perfeição. Poucos pais no mundo adoravam tanto as filhas como Hoonie, que parecia viver para fazê-la sorrir.

No inverno em que Sunja completou treze anos, Hoonie morreu de tuberculose. Em seu funeral, Yangjin e a filha estavam inconsoláveis. Na manhã seguinte, a jovem viúva se levantou da cama e voltou ao trabalho.



2

Novembro de 1932

O inverno que sucedeu a invasão da Manchúria pelo Japão foi difícil. Rajadas de vento cortante atravessavam a pequena pensão, e as mulheres precisaram enfiar algodão entre as camadas de roupa. Durante as refeições, os hóspedes, repetindo o que ouviam no mercado dos homens que sabiam ler os jornais, diziam que aquilo se chamava Depressão e estava assolando o mundo inteiro. Os americanos pobres passavam tanta fome quanto os russos pobres e os chineses pobres. Em nome do imperador, até os japoneses estavam enfrentando privações. Os prudentes e fortes, não havia dúvida, sobreviveriam àquele inverno, mas as notícias vergonhosas eram frequentes demais: crianças que iam dormir e não acordavam, meninas que vendiam sua inocência por uma tigela de macarrão e idosos que se recolhiam para morrer sozinhos a fim de que os mais novos pudessem comer.

Apesar disso, os hóspedes continuavam esperando que suas refeições fossem servidas regularmente, e uma casa velha precisava de reparos. Todos os meses tinham que pagar o aluguel ao persistente representante do proprietário. Com o tempo, Yangjin havia aprendido a lidar com dinheiro, a negociar com os fornecedores e a se negar a aceitar condições que não fossem convenientes para ela. Contratou duas irmãs órfãs para ajudarem nas tarefas domésticas. Não era mais a adolescente descalça que tinha chegado àquela casa levando um par de roupas de baixo limpas embrulhadas em um corte de tecido, mas uma viúva de trinta e sete anos que administrava uma pensão.

Yangjin tinha que cuidar de Sunja e ganhar dinheiro; por sorte, tinham aquele negócio, mesmo que a propriedade não fosse delas. No primeiro dia do mês, cada hóspede pagava vinte e três ienes pela pensão completa, embora, com o passar do tempo, ficasse cada vez mais difícil comprar grãos no mercado e carvão para o aquecimento. Ela não podia aumentar o preço da mensalidade porque os homens não ganhavam o suficiente, mas tinha de alimentá-los da mesma forma. Então preparava caldos grossos e nutritivos com ossos e temperava os legumes da horta para transformá-los em saborosos acompanhamentos. Quando sobrava pouco dinheiro no fim do mês, racionava o painço e a cevada e as poucas coisas que havia na despensa. Quando não restavam muitos cereais, preparava deliciosas panquecas com farinha de grãos e água. Os hóspedes levavam para ela o que não conseguiam vender no mercado, de modo que de vez em quando havia caranguejo ou cavala, que ela conservava com especiarias para complementar as refeições ainda mais escassas que com certeza estavam por vir.

Havia duas temporadas, seis homens se revezavam dormindo no único quarto de hóspedes: os três irmãos Chung, de Jeollado, pescavam à noite e

dormiam durante o turno do dia, e dois rapazes de Daegu e um viúvo de Busan trabalhavam no mercado de peixe e iam dormir no fim da tarde. Dormiam todos juntos no quarto pequeno, mas ninguém reclamava, porque naquela pensão viviam melhor do que em suas respectivas casas. A roupa de cama era limpa e havia comida suficiente. As meninas lavavam bem as roupas e a dona da pensão as remendava com retalhos para que durassem mais uma estação. Nenhum daqueles homens podia sustentar uma esposa, de forma que aquele arranjo não era nada mal para eles. Ainda que uma esposa pudesse proporcionar algum consolo físico a um homem trabalhador, um casamento podia resultar em filhos, que precisariam de comida, roupas e um lar; a esposa de um homem pobre tendia a se queixar e chorar, de modo que aqueles homens estavam conformados com sua situação.

O aumento dos preços que acompanhava a escassez de dinheiro era preocupante, mas os hóspedes quase nunca atrasavam o pagamento. Os homens que trabalhavam no mercado por vezes eram pagos com produtos que não tinham sido vendidos, e Yangjin aceitava uma jarra de óleo de cozinha no lugar de alguns ienes do pagamento pela hospedagem. A sogra lhe havia explicado que era preciso ser muito gentil com os hóspedes, pois sempre havia outros lugares onde os trabalhadores poderiam ficar.

— Os homens têm opções que as mulheres não têm — dizia ela.

No fim de cada estação, quando sobravam algumas moedas, Yangjin as colocava em uma panela de barro escura que escondia atrás de um painel no armário onde o marido tinha guardado os dois anéis de ouro que haviam pertencido a sua mãe.

* * *

Na hora das refeições, Yangjin e a filha serviam a comida em silêncio enquanto os hóspedes falavam animadamente sobre política. Os irmãos Chung eram analfabetos, mas acompanhavam as notícias com atenção nas docas e gostavam de analisar o futuro do país sentados à mesa durante o jantar.

Eram meados de novembro, e a pesca tinha sido melhor do que o esperado para o mês. Os irmãos Chung tinham acabado de acordar e os hóspedes do turno da noite logo chegariam para dormir. Os irmãos pescadores faziam sua principal refeição do dia antes de sair para o mar. Descansados e cheios de energia, estavam convencidos de que o Japão não conseguiria conquistar a China.

— Sim, os desgraçados podem dar uma mordida, mas a China não vai ser engolida por inteiro. É impossível! — exclamou o irmão Chung do meio.

— Aqueles anões não vão se apoderar de um reino tão importante. A China é nossa irmã mais velha! O Japão não passa de uma semente podre — gritou Gordo, o irmão mais novo, golpeando a mesa com a xícara de chá quente. — A China vai expulsar aqueles filhos da puta! Pode apostar!

Entre as paredes desgastadas da pensão, os pobres homens zombavam de seu poderoso colonizador, sentindo-se protegidos da polícia colonial, que não se preocuparia com pescadores com ideias grandiosas. Os irmãos se gabavam da força da China, os corações ansiando que outra nação se mantivesse forte, já que seus próprios governantes os haviam decepcionado. Já fazia vinte e dois anos que seu país fora colonizado. Os dois mais novos nunca tinham vivido em uma Coreia que não fosse governada pelo Japão.

— *Ajumoni* — gritou Gordo, bem-humorado. — *Ajumoni*.

— Sim?

Yangjin sabia que ele queria repetir. Era um rapaz franzino que comia mais do que os dois irmãos juntos.

— Pode me trazer mais uma tigela da sua sopa deliciosa?

— Sim, sim, é claro.

Yangjin foi buscar sopa na cozinha. Gordo a devorou ruidosamente, e os homens saíram para trabalhar.

Os hóspedes do turno da noite chegaram logo depois, lavaram-se e jantaram depressa. Fumaram seus cachimbos e em seguida foram dormir. As mulheres limpavam as mesas e comeram seu jantar simples em silêncio, porque os homens estavam dormindo. As criadas e Sunja arrumaram a cozinha e lavaram a louça. Yangjin verificou o carvão antes de ir para a cama. Ainda estava pensando na conversa dos irmãos sobre a China. Hoonie costumava ouvir com atenção todos os homens que lhe levavam notícias, assentia, expirava resolutamente e em seguida se levantava para cuidar de suas tarefas.

— Não importa — dizia ele. — Não importa.

Quer a China capitulasse, quer se vingasse, as ervas daninhas tinham que ser arrancadas da horta, as sandálias de corda tinham que ser tecidas se eles quisessem ter calçados e os ladrões que com frequência tentavam roubar suas poucas galinhas tinham que ser afugentados.

* * *

A bainha úmida do casaco de lã de Baek Isak tinha congelado até ficar rígida, mas por fim ele encontrou a pensão. A longa viagem de Pyongyang até ali o deixara exausto. Em contraste com o Norte nevado, o frio em Busan era enganoso. O inverno no Sul parecia mais ameno, porém o vento gelado do mar penetrava em seus pulmões debilitados e o congelava até os

ossos. Quando saiu de casa, Isak se sentia forte o suficiente para fazer a viagem de trem, mas agora estava exaurido e sabia que precisava descansar. Da estação ferroviária em Busan, havia encontrado o caminho até o pequeno barco que fazia a travessia para Yeongdo e, depois de desembarcar, o carvoeiro da região o levou até a pensão. Isak expirou e bateu à porta, prestes a perder os sentidos, mas acreditando que, se conseguisse dormir bem aquela noite, estaria melhor pela manhã.

Yangjin tinha acabado de se deitar no estrado forrado de algodão quando a mais jovem das criadas bateu de leve no batente da porta do quarto onde as quatro mulheres dormiam juntas.

— *Ajumoni*, há um cavalheiro aqui. Ele quer falar com o chefe da casa. Disse algo a respeito do irmão, que se hospedou aqui anos atrás. O cavalheiro quer ficar. Esta noite — explicou a criada, sem fôlego.

Yangjin franziu a testa. Quem seria aquele homem que estava perguntando por Hoonie? No mês seguinte faria três anos de sua morte.

A filha, Sunja, já estava dormindo no chão aquecido, ressonando de leve, os cabelos soltos, ondulados pelas tranças que ela havia usado durante o dia, estendidos no travesseiro como um resplandecente retângulo de seda preta. Ao lado dela havia espaço suficiente apenas para que as criadas se deitassem quando terminassem o trabalho do dia.

— Não disse a ele que o senhor da casa faleceu?

— Eu disse. Ele pareceu surpreso. O cavalheiro disse que o irmão escreveu ao senhor, mas não obteve resposta.

Yangjin se levantou e pegou o *hanbok* de musselina que havia acabado de despir e que estava cuidadosamente dobrado ao lado do travesseiro. Colocou a veste acolchoada sobre a saia e a jaqueta. Com movimentos hábeis, prendeu os cabelos em um coque.

Ao ver o homem recém-chegado, ela compreendeu por que a criada não

o mandara embora. Ele tinha a aparência de um pinheiro jovem, era esguio e elegante e incomumente bonito: tinha olhos risonhos e rasgados, nariz reto e pescoço longo, a testa pálida e lisa. Não se parecia em nada com os hóspedes de cabelos grisalhos que pediam comida aos gritos e provocavam as criadas por estarem solteiras. O jovem homem usava um terno ocidental e um casaco de neve grosso. Os sapatos de couro importados, a maleta de couro e o chapéu de feltro destoavam da pequena entrada da casa. A julgar por sua aparência, tinha dinheiro suficiente para um quarto em uma hospedaria maior no centro, onde costumavam se hospedar os mercadores e comerciantes. Quase todas as hospedarias em Busan nas quais coreanos podiam ficar estavam lotadas, mas, por uma boa quantia de dinheiro, era possível conseguir algo. Com aquelas roupas, ele passaria por um japonês rico. A criada olhava para o cavalheiro com a boca ligeiramente aberta, torcendo para que ele pudesse ficar.

Yangjin fez uma reverência, sem saber o que dizer. O irmão dele sem dúvida tinha enviado uma carta, mas ela não sabia ler. De tempos em tempos, pedia ao professor da escola da aldeia que lesse para ela sua correspondência, mas naquele inverno ainda não tivera tempo.

— *Ajumoni* — disse ele, fazendo uma reverência —, espero que não a tenha acordado. Já estava escuro quando desembarquei da balsa. Só agora fiquei sabendo sobre seu marido. Sinto muito por essa notícia triste. Sou Baek Isak. Venho de Pyongyang. Meu irmão, Baek Yoseb, ficou hospedado aqui muitos anos atrás. — Ele tinha um leve sotaque do Norte e seus modos eram educados. — Gostaria de ficar aqui por algumas semanas, antes de ir para Osaka.

Yangjin olhou para os pés descalços. O quarto de hóspedes já estava lotado, e um homem como aquele provavelmente esperava ter seus próprios aposentos. Àquela hora da noite, seria difícil encontrar um

barqueiro que o levasse de volta ao continente.

Isak tirou um lenço branco do bolso da calça e cobriu a boca para tossir.

— Meu irmão esteve aqui quase dez anos atrás. Eu me pergunto se a senhora se lembra dele. Ele admirava muito seu marido.

Yangjin fez que sim com a cabeça. Lembrava-se bem do Baek mais velho porque ele não era pescador nem alguém que trabalhasse no mercado. O primeiro nome dele era Yoseb; havia sido batizado em homenagem a um personagem bíblico. Seus pais eram cristãos e haviam fundado uma igreja no Norte.

— Mas seu irmão... Aquele cavalheiro não se parecia muito com o senhor. Ele era baixo e usava óculos redondos com aro de metal. Estava indo para o Japão e passou várias semanas hospedado aqui antes de seguir viagem.

— Sim, sim. — O rosto de Isak se iluminou. Fazia mais de uma década que não via Yoseb. — Ele mora em Osaka com a esposa. Foi ele quem escreveu para seu marido. Insistiu para que eu ficasse aqui e recomendou seu ensopado de bacalhau. “É melhor do que o de nossa casa”, ele me disse.

Yangjin sorriu. Como poderia não sorrir?

— Meu irmão me disse que seu marido era muito trabalhador.

Isak não mencionou o pé torto nem a fenda palatina, embora, é claro, Yoseb tivesse mencionado essas coisas em suas cartas. Isak estava curioso para conhecer o homem que tinha superado essas dificuldades.

— O senhor já jantou? — perguntou Yangjin.

— Estou bem. Obrigado.

— Podemos lhe preparar algo para comer.

— Acha que posso descansar aqui? Sei que não estava me esperando, mas já faz dois dias que estou na estrada.

— Não temos quarto vago, senhor. Não é um lugar muito grande, como pode ver...

Isak suspirou, em seguida sorriu para a viúva. Aquele fardo era dele, não dela, e não queria que ela se sentisse mal. Procurou a maleta. Estava perto da porta.

— É claro. Então acho melhor eu voltar para Busan e encontrar um lugar para ficar. Antes que eu vá, será que conhece alguma pensão nas redondezas onde possa haver um quarto vago para mim?

Ele endireitou a postura, não querendo parecer desencorajado.

— Não há nada nas redondezas, e não temos quarto vazio — respondeu Yangjin.

Se o colocasse com os outros, ele poderia se incomodar com o cheiro dos homens. Por mais que as lavassem, era impossível remover o fedor de peixe das roupas deles.

Isak fechou os olhos e acenou com a cabeça, virando-se para ir embora.

— Há espaço no local onde os hóspedes dormem. Temos apenas um quarto, como pode ver. Três hóspedes dormem nele durante o dia e outros três durante a noite, de acordo com os horários de trabalho. Há espaço apenas para mais um homem, mas não é confortável. Pode dar uma olhada, se quiser.

— Está ótimo — disse Isak, aliviado. — Eu ficarei muito grato. Posso pagar o mês inteiro.

— Talvez seja mais apertado do que está acostumado. Não havia tantos homens aqui quando seu irmão ficou hospedado conosco. Naquela época, não tínhamos tanto movimento. Não sei se...

— Não, não. Quero apenas um canto para me deitar. Está tarde, e o vento está muito forte esta noite.

Yangjin de repente ficou envergonhada pelo estado de sua pensão, de

uma forma que nunca havia ficado antes. Se ele quisesse ir embora na manhã seguinte, ela lhe devolveria o dinheiro, pensou.

Informou a ele o valor da tarifa mensal que deveria ser paga adiantada. Se ele fosse embora antes do fim do mês, ela devolveria a parte proporcional. Cobrou dele vinte e três ienes, o mesmo que cobrava dos pescadores. Isak contou o dinheiro e o entregou a ela.

A criada colocou a mala dele diante do quarto e foi até o armário pegar um colchonete limpo. Ele ia precisar de água quente da cozinha para se lavar. A menina baixou os olhos, mas estava curiosa a respeito do rapaz.

Yangjin a ajudou a arrumar a cama, e Isak as observou em silêncio. Em seguida, a criada levou para ele uma bacia com água quente e uma toalha limpa. Os rapazes de Daegu dormiam lado a lado, e o viúvo dormia com os braços sobre a cabeça. O estrado de Isak ficava ao lado do estrado do viúvo.

De manhã, os homens reclamariam um pouco por ter de dividir o espaço com mais uma pessoa, mas Yangjin não podia colocá-lo para fora.



3

Quando amanheceu, os irmãos Chung voltaram de seu barco. Gordo notou de imediato a presença do novo hóspede, que ainda dormia no quarto.

Ele sorriu para Yangjin.

— Fico feliz que uma mulher tão trabalhadora como a senhora seja tão bem-sucedida. Os ricos já ficaram sabendo sobre sua comida deliciosa. Logo estará recebendo hóspedes japoneses! Espero que tenha cobrado dele o triplo do que nós, os pobres, pagamos.

Sunja balançou a cabeça, mas ele não notou. Gordo passou os dedos pela gravata pendurada ao lado do terno de Isak.

— Então é isso que os *yangban* usam em torno do pescoço para parecerem importantes. Parece uma forca. Nunca tinha visto uma coisa dessas de perto! Ah... como é macio! — O irmão mais novo passou a gravata sobre o bigode. — Talvez seja seda. Uma forca de seda de verdade! — Ele riu alto, mas Isak não se moveu.

— Gordo, não toque nisso — disse Gombo com severidade. O irmão mais velho tinha o rosto coberto de marcas de varíola e, quando ficava irritado, sua pele esburacada se avermelhava. Desde a morte do pai, ele cuidava dos dois irmãos mais novos.

Gordo largou a gravata, envergonhado. Não gostava de desagradar Gombo. Os irmãos se lavaram, comeram e foram dormir. O novo hóspede continuou dormindo ao lado deles, o ressonar pontuado de tempos em tempos por uma tosse abafada.

Yangjin foi até a cozinha pedir às criadas que cuidassem do novo hóspede caso ele acordasse. Deveriam deixar uma refeição quente pronta para ele. Sunja estava agachada em um canto, lavando batatas-doces, e não levantou a cabeça quando a mãe entrou na cozinha, tampouco quando ela saiu. Havia uma semana que diziam uma à outra apenas o imprescindível. As criadas não imaginavam o que poderia ter acontecido para deixar Sunja tão calada.

No fim da tarde, os irmãos Chung acordaram, comeram de novo e foram à cidade comprar tabaco antes de sair para o mar. Os hóspedes da noite ainda não tinham voltado do trabalho, então a casa ficou silenciosa por algumas horas. O vento marinho penetrava pelas paredes porosas e por entre as frestas das janelas, produzindo uma corrente de ar considerável no pequeno corredor que ligava os quartos.

Yangjin estava sentada de pernas cruzadas perto de um dos pontos quentes no chão aquecido do quarto onde as mulheres dormiam. Estava remendando um par de calças que tirara da meia dúzia que havia na pilha de peças surradas dos hóspedes. As roupas dos homens não eram lavadas com a frequência necessária, pois tinham poucas mudas e não se importavam com isso.

— Elas simplesmente vão ficar sujas de novo — queixava-se Gordo,

embora os irmãos mais velhos preferissem as roupas limpas.

Depois de lavá-las, Yangjin remendava o que podia e, pelo menos uma vez por ano, trocava os colarinhos das camisas e paletós que não podiam mais ser remendados ou lavados. Toda vez que o novo hóspede tossia, ela levantava a cabeça. Tentava se concentrar em seus pontos cuidadosos em vez de na filha, que limpava o chão da casa. Duas vezes por dia, o chão de papel encerado amarelo era varrido com uma escova curta e em seguida esfregado à mão com um pano limpo.

A porta da frente da casa se abriu devagar, e mãe e filha desviaram o olhar do que estavam fazendo. Jun, o carvoeiro, tinha chegado para receber seu dinheiro.

Yangjin se levantou do chão para falar com ele. Sunja fez uma reverência mecânica e em seguida retomou o trabalho.

— Como vai sua esposa? — perguntou Yangjin.

A esposa do carvoeiro tinha o estômago sensível e de tempos em tempos precisava ficar de repouso.

— Ela se levantou cedo hoje de manhã e foi para o mercado. Não há como impedir essa mulher de trabalhar. A senhora sabe como ela é — respondeu Jun, orgulhoso.

— O senhor é um homem de sorte.

Yangjin pegou a bolsa de moedas para pagá-lo pelo carvão daquela semana.

— *Ajumoni*, se todos os meus clientes fossem como a senhora, eu nunca passaria fome. A senhora sempre me paga em dia! — exclamou ele, rindo com prazer.

Yangjin sorriu. Todas as semanas ele se queixava de que ninguém o pagava em dia, mas a maioria das pessoas deixava de comer para pagá-lo, já que naquele inverno estava fazendo frio demais para ficar sem carvão. Além

disso, o carvoeiro era um homem roliço, que bebia uma xícara de chá e aceitava um lanche em todas as casas pelas quais passava; nunca havia passado fome, nem mesmo naqueles anos de escassez. Sua mulher era a melhor vendedora de algas do mercado e ganhava uma quantia considerável.

— Aqui na rua, aquele cão imundo do Lee não me paga o que deve...

— As coisas não estão fáceis. Todos estão passando por dificuldades.

— Não, as coisas não estão nada fáceis, mas sua casa está cheia de hóspedes porque a senhora é a melhor cozinheira de Kyungsangdo. O pastor está hospedado aqui? Encontrou uma cama para ele? Eu disse a ele que a senhora prepara o melhor sargo de Busan.

Jun farejou o ar, perguntando-se se conseguiria comer algo antes de ir para a casa seguinte, mas não sentiu o aroma de nada saboroso.

Yangjin olhou de relance para a filha, que parou de limpar o chão e foi até a cozinha preparar algo para o carvoeiro comer.

— Sabia que o rapaz já tinha ouvido falar de sua comida, porque o irmão ficou hospedado aqui dez anos atrás? Ah, o estômago tem uma memória melhor do que a do coração!

— Pastor? — Yangjin pareceu confusa.

— O jovem rapaz que veio do Norte. Eu o encontrei na noite passada, vagando pelas ruas à procura de sua casa. Baek Isak. Um sujeito elegante. Mostrei a ele onde a senhora morava e o teria acompanhado, mas tinha que fazer uma entrega para o filho da mãe do Cho, que finalmente conseguiu dinheiro para me pagar depois de um mês me enrolando...

— Ah...

— Enfim, contei ao pastor sobre os problemas estomacais de minha esposa e sobre como ela trabalha duro no mercado e, sabe, ele disse que ia orar por ela na mesma hora. Simplesmente baixou a cabeça e fechou os

olhos! Não sei se acredito nessas coisas, mas imagino que não faça nenhum mal. É um rapaz muito bonito, não acha? Ele já foi embora? Eu gostaria de cumprimentá-lo.

Sunja trouxe uma xícara de chá de cevada quente, um bule e uma tigela de batatas-doces cozidas em uma bandeja de madeira, que colocou diante dele. O carvoeiro se sentou em uma almofada no chão e devorou as batatas-doces ainda quentes. Mastigou com cuidado antes de continuar falando.

— Então, hoje pela manhã, perguntei a minha esposa como ela estava se sentindo, e ela respondeu que não estava mal e foi trabalhar! Talvez aquela oração tenha servido de alguma coisa, no fim das contas. Ha!

— Ele é ca-tó-li-co? — Yangjin não tinha a intenção de interrompê-lo com tanta frequência, mas não havia outra maneira de conversar com Jun, que seria capaz de falar sem parar por horas a fio. O marido dela costumava dizer que, para um homem, o carvoeiro era falastrão demais. — Um padre?

— Não, não. Ele não é padre. Esse pessoal é diferente. Baek é pro-testante. Desses que podem se casar. Está indo para Osaka, onde o irmão mora. Eu não me lembro de o ter conhecido.

Ele continuou a mastigar em silêncio e tomou pequenos goles do chá.

Antes que Yangjin tivesse oportunidade de dizer algo, Jun continuou:

— Aquele desgraçado do Hirohito se apoderou de nosso país, roubou as melhores terras, o arroz, o peixe, e agora está levando nossos jovens. — Ele suspirou e comeu outro pedaço de batata. — Bem, não culpo os jovens por irem para o Japão. Não há como ganhar dinheiro aqui. É tarde demais para mim, mas se tivesse um filho... — Jun fez uma pausa, pois não tinha filhos e ficava triste ao pensar nisso. — Eu o teria mandado para o Havaí. Minha esposa tem um sobrinho esperto que trabalha em uma plantação de cana-de-açúcar lá. O trabalho é duro, mas e daí? Pelo menos ele não trabalha para esses desgraçados. Outro dia, quando fui até as docas, os

filhos da puta tentaram me dizer que eu não podia...

Yangjin franziu o cenho ao ouvi-lo dizer palavrões. Em uma casa tão pequena, as garotas na cozinha e Sunja, que agora estava limpando o chão do quarto, ouviam tudo e sem dúvida estavam prestando atenção na conversa dos dois.

— Posso lhe servir mais chá?

Jun sorriu e empurrou a xícara vazia na direção dela com ambas as mãos.

— É culpa nossa termos perdido o país. Eu sei disso — prosseguiu ele. — Aqueles malditos aristocratas filhos de uma puta nos venderam. Nem um único desses *yangban* idiotas tem colhão suficiente.

Tanto Yangjin quanto Sunja sabiam que as meninas estavam rindo na cozinha das tiradas do carvoeiro, que eram as mesmas todas as semanas.

— Eu posso ser um camponês, mas sou um trabalhador honesto e jamais teria permitido que um bando de japoneses ficasse com nosso país. — Ele tirou um lenço branco limpo do paletó coberto de poeira de carvão e assoou o nariz. — Malditos... É melhor eu continuar a fazer minhas entregas.

A viúva pediu que ele esperasse enquanto ela ia até a cozinha. Em seguida, acompanhou-o até a porta da frente e entregou-lhe uma trouxa de batatas recém-colhidas. Uma das batatas escapou e rolou pelo chão. O carvoeiro a pegou depressa e a colocou em um dos bolsos fundos do paletó.

— Nunca devemos perder nada que seja valioso.

— São para sua esposa — disse Yangjin. — Por favor, diga que mandei meus cumprimentos.

— Obrigado.

Jun se apressou em calçar os sapatos e foi embora.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Além disso, Yoseb sabia que Isak não queria ser visto como um inválido, como tinha sido tratado durante a maior parte da vida.

— É melhor eu voltar para casa — disse Isak, com os olhos ainda fechados.

— O senhor vai morrer no trem. Seu estado vai piorar antes de começar a se recuperar. Consegue se sentar? — perguntou Yangjin.

Isak ergueu o tronco e se apoiou contra a parede fria. Tinha se sentido cansado durante a viagem até lá, mas agora era como se um urso o estivesse empurrando. Recuperou o fôlego e se virou para tossir. A parede ficou manchada de gotículas de sangue.

— Vai ficar aqui. Até melhorar — disse Yangjin.

Ela e Sunja se entreolharam. Não tinham ficado doentes quando Hoonie teve tuberculose, mas as meninas, que ainda não trabalhavam lá na época, e os hóspedes tinham que ser protegidos de alguma maneira.

Yangjin olhou para o rosto dele.

— Consegue caminhar um pouco, até os fundos da casa? Temos que o isolar dos outros.

Isak tentou se levantar, mas não conseguiu. Yangjin acenou com a cabeça. Pediu a Dokhee que fosse chamar o farmacêutico e a Bokhee que voltasse para a cozinha para preparar o jantar dos hóspedes.

Em seguida, pediu que Isak se deitasse no colchão e arrastou lentamente a cama, levando-a até a despensa, da mesma maneira que fizera com o marido três anos antes.

— Eu não tive a intenção de causar nenhum mal a vocês — murmurou Isak.

O jovem amaldiçoou a si mesmo intimamente por seu desejo de ver o mundo além do lugar onde havia nascido e por se enganar, acreditando que estava bem o suficiente para ir a Osaka quando sentia que nunca ficaria



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

atacado de todos os peixes que passavam por ali. Não apenas tinham o poder de determinar os preços, mas podiam punir qualquer capitão de barco ou pescador, recusando-se a comprar o que eles tivessem pescado; além disso, podiam negociar com os funcionários japoneses que controlavam as docas. Todos os tratavam com deferência e poucos se sentiam confortáveis perto deles, que raramente se misturavam com pessoas de fora de seu grupo. Os hóspedes da pensão se referiam a eles como intrusos arrogantes que ficavam com todo o lucro da pesca, mas mantinham o cheiro de peixe bem longe das mãos brancas e macias. Ainda assim, os pescadores eram obrigados a manter boas relações com aqueles homens, que tinham dinheiro no bolso para comprar os peixes e podiam lhes dar adiantamentos quando a pesca não era boa.

— É lógico que uma garota como você vai chamar a atenção de homens extravagantes, mas esse parece descarado demais. Nasceu em Jeju, mas vive em Osaka. Ouvi dizer que fala japonês com perfeição. Meu marido disse que ele é mais inteligente do que todos os outros juntos, mas é astuto. *Uh-muh!* Ele ainda está olhando para você!

A *ajumma* das algas enrubesceu do rosto ao colo.

Sunja balançou a cabeça, pois não queria conferir. Quando os hóspedes flertavam com ela, Sunja os ignorava e continuava a fazer seu trabalho e não ia se comportar de forma diferente agora. De qualquer maneira, as *ajummas* do mercado tendiam a exagerar.

— Pode me dar as algas que minha mãe gosta?

Sunja fingiu estar interessada nas pilhas retangulares de algas secas, dobradas como tecido e separadas em fileiras de acordo com a qualidade e o preço.

A *ajumma* sorriu, voltando a si, e em seguida embrulhou uma grande quantidade de alga para Sunja. A garota contou as moedas e pegou o

que os rapazes japoneses a tivessem confundido com alguém mais jovem e tentou soar mais autoritária.

— O que foi? O que foi que ela disse? — perguntaram eles em japonês, rindo. — Não entendemos o que disse, sua vadia fedida.

Sunja olhou em volta, mas ninguém parecia observá-los. O condutor da balsa estava ocupado conversando com dois outros homens, e as *ajummas* na área mais externa do mercado estavam concentradas em seu trabalho.

— Devolvam agora — disse ela com a voz firme, estendendo a mão direita. A cesta estava apoiada na dobra do cotovelo e ficava cada vez mais difícil manter o equilíbrio. Olhou diretamente para o rapaz magrelo, que era um palmo mais alto do que ela.

Os rapazes riram e continuaram a murmurar em japonês, que Sunja não compreendia. Dois deles jogavam o melão amarelo um para o outro, enquanto o terceiro começou a vasculhar a cesta que Sunja levava no braço esquerdo e que agora temia soltar.

Os rapazes eram mais ou menos da idade dela, ou mais novos, mas estavam em forma e cheios de uma energia imprevisível.

O terceiro rapaz, o mais baixo, tirou os rabos de boi do fundo da cesta.

— Os *yobos* não apenas comem cachorros, mas agora estão roubando a comida deles também! Garotas como você comem ossos? Sua vadia estúpida.

Sunja agitava as mãos no ar, tentando pegar de volta os ossos para a sopa. A única palavra que entendeu foi *yobo*, que normalmente significava “querido”, mas que os japoneses também usavam para se referir aos coreanos de forma pejorativa.

O rapaz baixinho ergueu um osso e em seguida o cheirou, fazendo uma careta.

— Que coisa nojenta! Como esses *yobos* conseguem comer uma merda

Ela fez que não com a cabeça.

— Já lhe dei muito trabalho. Posso ir para casa sozinha.

Sunja não conseguia levantar a cabeça.

— Preste atenção, precisa ter o cuidado de não andar por aí sozinha nem sair à noite. Quando for ao mercado sozinha, deve pegar sempre as ruas principais. Sempre à vista das pessoas. Eles estão procurando moças agora.

Ela não compreendeu.

— O governo colonial. Para levar para os soldados na China. Não siga ninguém. Provavelmente vai ser um coreano, homem ou mulher, que vai abordá-la dizendo que tem um bom emprego na China ou no Japão. Pode ser alguém que você conheça. Tenha cuidado, e não estou me referindo apenas a esses rapazes idiotas. Eles são apenas uns garotos maus. Mas até eles podem lhe fazer mal se não tiver cuidado. Está entendendo?

Sunja não estava procurando emprego e não entendeu por que ele estava lhe dizendo todas aquelas coisas. Ninguém nunca oferecera trabalho a ela fora de casa. De qualquer maneira, nunca deixaria a mãe. Mas ele estava certo: havia muitas maneiras de desgraçar uma mulher. Diziam que as mulheres de famílias com posses levavam lâminas de prata escondidas sob a blusa para se proteger ou cometer suicídio caso fossem desonradas.

Hansu lhe entregou um lenço, e ela secou o rosto.

— É melhor você ir para casa. Sua mãe vai ficar preocupada.

Hansu a acompanhou até a balsa. Sunja colocou as cestas no chão e se sentou. Havia apenas dois outros passageiros na embarcação.

Sunja fez uma reverência. Koh Hansu a estava observando novamente, mas sua expressão havia mudado: ele parecia preocupado. Quando a balsa começou a se afastar do cais, ela se deu conta de que não havia agradecido a ele.

Ela gostava da voz dele: era uma voz masculina e experiente, com um traço de melancolia.

— Você provavelmente vai passar a vida inteira aqui.

— Sim — disse ela. — Aqui é o meu lar.

— Lar — repetiu ele, pensativo. — Meu pai cultivava laranjas em Jeju. Eu e ele nos mudamos para Osaka quando eu tinha doze anos; já não penso em Jeju como meu lar. Minha mãe morreu quando eu era muito pequeno. — Ele não disse a Sunja que ela se parecia com os membros de sua família materna nos olhos e na testa ampla. — Você tem bastante roupa para lavar. Eu costumava lavar a minha roupa e a do meu pai. Detestava. Uma das melhores coisas de ser rico é ter alguém que lave suas roupas e prepare as suas refeições.

Sunja lavava roupa praticamente desde que aprendera a andar. Não se importava nem um pouco. Passar era mais difícil.

— No que pensa enquanto lava a roupa?

Hansu já sabia tudo que havia para saber sobre a garota, mas isso era diferente de conhecer seus pensamentos. Tinha o hábito de fazer muitas perguntas quando queria saber sobre o caráter de alguém. A maioria das pessoas expunha seus pensamentos com palavras e mais tarde os confirmava com ações. Havia mais pessoas sinceras do que mentirosas. Poucas sabiam mentir. O que mais o decepcionava em uma pessoa era ela ser igual a todas as outras. Ele preferia as mulheres inteligentes às tolas e as trabalhadoras às preguiçosas, que passavam o tempo todo deitadas.

— Quando eu era pequeno, meu pai e eu tínhamos apenas uma muda de roupa cada um, então, quando eu as lavava, tentávamos fazer com que secassem durante a noite e as vestíamos ainda úmidas pela manhã. Uma vez, quando tinha dez ou onze anos, coloquei as roupas molhadas perto do fogão para secarem mais rápido e fui preparar nosso jantar. Íamos comer

um bom amigo, e ela respondeu que ele era um bom amigo, porque a havia ajudado quando estava em apuros. Ele sorriu ao ouvir essa resposta e acariciou os cabelos dela. Encontravam-se na enseada a cada poucos dias, e Sunja foi se tornando mais eficiente na lavagem das roupas e no restante das tarefas de casa para que ninguém notasse como se demorava na praia ou no mercado.

Antes de cruzar o umbral da porta da cozinha para ir ao mercado ou à praia, checava o próprio reflexo na tampa de metal da panela, ajeitando a trança firme que tinha feito pela manhã. Não fazia ideia de como se arrumar a fim de ficar bonita ou atraente para um homem, menos ainda um homem importante como Koh Hansu, de modo que se esforçava para estar pelo menos limpa e bem penteada.

Quanto mais o via, mais vívida ficava a imagem dele em seus pensamentos. Suas histórias preenchiam a mente dela de pessoas e lugares que nunca havia imaginado. Hansu morava em Osaka, uma grande cidade portuária no Japão onde ele dizia que uma pessoa podia conseguir tudo que quisesse com dinheiro e onde quase todas as casas tinham luz elétrica e calefação, para que os moradores se mantivessem aquecidos no inverno. Ele lhe contou que Tóquio era muito mais movimentada do que Seul, com mais pessoas, lojas, restaurantes e teatros. Já tinha ido à Manchúria e a Pyongyang. Descrevia todos esses lugares e dizia que um dia ela os conheceria com ele, mas Sunja não entendia como isso seria possível. Não o contestava, porque gostava da ideia de viajar com ele, a ideia de ficar com ele por mais do que os poucos minutos que tinham na enseada. De suas viagens, Hansu trazia para ela caramelos lindamente coloridos e biscoitos doces. Ele desembrulhava os caramelos e colocava um em sua boca como uma mãe alimentando uma filha. Sunja nunca havia provado nada tão doce e delicioso (balas cor-de-rosa importadas dos Estados Unidos, biscoitos

para entender as coisas, porque não queria que ele achasse que era ignorante. Sunja não sabia ler e escrever em coreano nem em japonês. Seu pai havia lhe ensinado um pouco de adição e subtração para que pudesse contar dinheiro, mas isso era tudo. Ela e a mãe não sabiam nem ao menos escrever os próprios nomes.

Hansu tinha levado consigo um lenço grande, para poder colher cogumelos também. Seu evidente entusiasmo com o passeio fazia com que Sunja se sentisse melhor, mas ela ainda estava preocupada que alguém os visse. Ninguém sabia que os dois eram amigos. Homens e mulheres não deveriam ser amigos, e eles não eram noivos. Ele nunca havia mencionado casamento e, se quisesse se casar com ela, teria que falar com sua mãe, o que não havia feito. Na verdade, depois de perguntar, três meses antes, se ela estava comprometida, ele nunca mais havia tocado no assunto. Sunja tentava não pensar nas mulheres que haveria em sua vida. Não seria difícil para ele encontrar uma moça, e na maior parte do tempo Sunja não entendia o interesse dele por ela.

A longa caminhada até o bosque pareceu curta, e, conforme se embrenhavam nele, tiveram a sensação de que era ainda mais isolado do que a enseada, mas em vez do espaço aberto entre as rochas baixas e da extensão de água verde-azulada, árvores imensas se erguiam ao redor deles. Era como entrar na casa escura e frondosa de um gigante. Ouviram pássaros, e Sunja olhou ao redor para ver de que tipo eram. Então reparou no rosto de Hansu: havia lágrimas em seus olhos.

— *Oppa*, está tudo bem?

Ele fez que sim com a cabeça. Havia falado durante todo o caminho sobre suas viagens e seu trabalho, mas ficou em silêncio ao ver as folhas coloridas e os troncos nodosos das árvores. Colocou a mão direita nas costas de Sunja e tocou a ponta de sua trança. Acariciou as costas dela e em



6

Hansu tinha ido para o Japão a negócios, prometendo que traria uma surpresa para ela quando voltasse. Sunja achava que era apenas uma questão de tempo até ele falar em casamento. Ela pertencia a ele e queria ser sua esposa. Não queria deixar a mãe, mas, se tivesse que se mudar para Osaka a fim de ficar com ele, então iria. Ao longo do dia, se perguntava o que ele estaria fazendo naquele momento. Quando imaginava sua vida longe dela, Sunja se sentia parte de algo maior, algo fora de Yeongdo, fora de Busan, e até mesmo fora da Coreia. Como era possível que tivesse vivido sem conhecer mais nada além do pai e da mãe? No entanto, isso era tudo que conhecia. Era certo uma garota se casar e ter filhos, e, quando não menstruou, Sunja ficou feliz com a ideia de dar um filho a Hansu.

Contou os dias até ele voltar e, se houvesse um relógio na casa, teria contado as horas e os minutos. Na manhã do retorno dele, Sunja foi correndo até o mercado. Passou diante dos escritórios dos negociantes até que ele a visse e, à sua maneira discreta, combinaram de se encontrar na

Ela ficou olhando para o dinheiro, mas não o pegou. Suas mãos pendiam junto ao corpo. Hansu soava cada vez mais empolgado.

— Está se sentindo diferente?

Ele colocou as mãos na barriga dela e riu, satisfeito.

A mulher de Hansu, que era dois anos mais velha do que ele, não ficava grávida havia anos; raramente faziam amor. No ano anterior, nenhuma de suas diversas amantes tivera um atraso sequer na menstruação, então ele não se preocupara muito com a possibilidade de Sunja engravidar. Hansu tinha planejado comprar uma casa pequena para ela antes do inverno, mas agora procuraria algo bem maior. A garota era nova e evidentemente fértil, e ele se deu conta de que podiam ter mais filhos. Ficou feliz diante da perspectiva de ter uma mulher e filhos na Coreia. Não era mais um homem jovem, porém seu desejo sexual não tinha diminuído com a idade. Enquanto estivera fora, havia se masturbado pensando em Sunja. Hansu não acreditava que o homem fosse destinado a fazer sexo com apenas uma mulher; o casamento lhe parecia antinatural, mas jamais abandonaria uma mulher que tivesse lhe dado um filho. Embora achasse que um homem precisava de várias mulheres, descobriu que preferia estar apenas com aquela menina. Adorava a firmeza de seu corpo, o volume de seus seios e de seu quadril. Seu rosto gentil o confortava, e ele havia começado a depender de sua inocência e sua adoração. Depois de estar com ela, Hansu tinha a sensação de que havia poucas coisas que não era capaz de fazer. No fim das contas, era verdade: estar com uma mulher jovem fazia com que um homem se sentisse um menino outra vez. Ele colocou o dinheiro na mão de Sunja, mas ela deixou que as notas caíssem e se dispersassem pela praia. Hansu se abaixou para pegá-las.

— O que está fazendo? — questionou ele, elevando um pouco a voz.

Sunja desviou o olhar. Ele estava dizendo algo, mas ela não conseguia

— Estava tentando me obrigar a casar com você porque não foi capaz de se casar com um sujeito comum?

Até mesmo Hansu se deu conta da crueldade daquelas palavras.

Sunja pegou a trouxa e correu para casa.

ele consegue ir até o mercado. Não deve ir sozinho, obviamente. Pode cair.

Chu deu palmadinhas no ombro de Isak antes de ir embora e prometeu voltar na semana seguinte.

* * *

Na manhã seguinte, Isak terminou o estudo da Bíblia e as preces e em seguida tomou o café na sala da frente sozinho. Os hóspedes já tinham saído para trabalhar. Ele se sentia forte o suficiente para ir para Osaka e queria cuidar dos preparativos. Antes de seguir viagem para o Japão, pretendia fazer uma visita ao pastor da igreja de Busan, mas não tivera oportunidade. Não havia entrado em contato com ele por medo de que aparecesse na pensão e também ficasse doente. As pernas lhe pareciam bem, e não trêmulas como antes. No quarto, vinha fazendo exercícios leves que seu irmão mais velho, Samoel, lhe ensinara quando era menino. Como havia passado a maior parte da vida dentro de casa, teve que aprender a manter a forma de maneiras pouco habituais.

Yangjin surgiu para buscar a bandeja do café da manhã. Serviu-lhe chá de cevada, e ele agradeceu.

— Acho que vou sair para uma caminhada. Posso ir sozinho — avisou ele, sorrindo. — Não vou demorar. Estou me sentindo muito bem esta manhã. Não vou me afastar muito.

Yangjin não conseguiu manter o rosto inexpressivo. Não podia manter o hóspede confinado como um galo valioso em seu galinheiro, mas o que aconteceria se ele caísse? A área em torno de sua casa era deserta. Se sofresse um acidente enquanto caminhava na praia, ninguém o veria.

— Não acho que deva ir sozinho, senhor.

Os hóspedes estavam no trabalho ou na cidade, fazendo coisas sobre as